

Autor: Francisco Sales Arêde

# A EMBOLADA DA VELHA CHICA



1921  
AUTOR: F. Sales Arêda

## A Embolada da Velha Chica

A velha chica  
Que morava no fundão  
Lá em cima no sertão  
Na beirada da estrada

Passava o dia  
No batente cochilando  
Pegando pulga e matando  
E comendo com qualhada

Essa velha  
Parecia uma serpente  
Bargu la só tinha um dente  
E a venta arribitada

Tinha um tumor  
Na ponta da espinhela  
Do tamanho d'uma gamela  
E uma perna escanchavada

E no lugar  
Que ela estava cochilando  
Pelo beijo era pingando  
Uma baba amarelada

No couro dela  
Tinha tanta mucurana  
E piólho de cigano  
Que chega estava pelada

Era conhecida  
Por só chica rezadeira  
Passava a semana inteira  
Só rezando ajelhada

Com uma trouxa  
Cheia de cinza e mulambo  
Rezava dor de estambo  
dor de dente junta inchada

Rezava nervo  
E também ventre caído  
Quarto duro e dor de ouvido  
Queimadura e pá quebrada

De enxaqueca  
De sol na cabeça e lua  
Doença de meio de rua  
Gastura e barriga inchada

Erizipela  
Golpe bouba e sete couros  
De picada de biscoiros  
E serpente envenenada

E além disso  
Era forte macumbeira  
Não houve catimbozeira  
Pra dela tomar chegada

E os preparos  
Que essa velha possuía  
Para fazer bruxaria  
Vou contar sem deixar nada

Tinha um cambuco  
Que ela arrumou na praia  
Com 3 rabos de lacraia  
E uma curuja pelada

Numa muchila  
Tinha as penas de 1 canção  
Três caroços de pihão  
E uma unha de veado

Noutro cambuco  
finho o couro d'um quandú  
E também um cururú  
Com a boca costurada

Uma cauã  
E 7 cavalos do cão  
Pendurados num cordão  
Na cozinha fumaçada

Jurema preta  
E terra de cemiterio  
Pra fazer todo misterio  
Com raiz de encruzilhada

Meus leitores  
Essa velha era um perigo  
Tinha tanto inimigo  
Que só uma escomungada

Era bastante  
Ela ter raiva de um  
Passava o dia em Jejum  
Preparando a panelada

Quando queria  
Fazia gente correr  
Moça casar sem querer  
Se apartar mulher casada

Fazia gente  
Se acabar de catimbó  
magro igualmente um cipó  
Caído pela estrada

Na vizinhança  
Tudo tinha medo dela  
O povo dizia aquela  
Pelo diabo foi mandado

A sua fama  
Espalhou-se na nação  
Todo povo do sertão  
Tinha medo da danada

E quem passava  
Pela sua moradia  
No pinga do meio dia  
Via a bruta ajelhada

Ao redor dela  
Tinha um gato derrengado  
e um sapo pendurado  
Junto a velha desgraçada

Meus senhores  
essa velha assim vivia  
Preparando bruxaria  
e fazendo presepada

No sertão  
Do Rio Grande do Norte  
essa velha era forte  
Pra mexer a panelada

Mas certo dia  
essa velha adoeceu  
Vou contar o que se deu  
Com a bruxa envenenada

Secou um pé  
entroncho o cabelouro  
e nasceu um 7 couro  
Ficou a velha piada

Veio a febre  
Atacou-a de repente  
Mas a bicha renitente  
Tomando por caçoada

Na lingua dela  
Um tumor se apresentou  
Nunca mais ela falou  
Lá num canto derrubada

E começou  
A moldita se acabando  
Fedendo muito e secando  
todo trincha esculhambada

Chegou um bicho  
Com as unhas de espeto  
Uma gíria um gato preto  
e cercaram a condenada

E uma cobra  
Pre'inha sem ter sinal  
Junto a velha infernal  
mordendo e dando chifrada

Mosquito e bezouro  
Aranha caranguejeira  
Todo raça mordedeira  
Mordia a velha malvada

Com poucos dias  
Dona Chica do fundão  
Pedi u vela e um caixão  
E mortalha costurada

A vinte e quatro  
De agosto a meio dia  
Deu na velha uma agonia  
E morreu a desgraçada

Quando morreu  
Começou a chegar gente  
Dizende essa serepente  
Morreu tarde e atrazada

A vizinhança  
Se juntou para enterra-la  
Mas na hora de leva-la  
A bicha ficou pesada

Botaram ela  
Pra leva-la num caixão  
O têsto caiu no chão  
A velha ficou deitada

Trouxeram um carro  
Puxado a quatro bois  
Quebrou-se a ponta de dois  
Só puxando a condenada

Foram arrastá-la  
Pra levar pro cemitério  
Apareceu um mistério  
Ao redor da escumungada

Um bode preto  
Começou fazendo um jogo  
Um gato dos olhos de fogo  
Miando e dano dentada

Veio um enxame  
De abelha de Exú  
E chegou um urubú  
Com a cabeça encarnada

Foi tanto sapo  
Que chegou ao redor dela  
Com uma baba amarela  
Que a velha ficou banhada

Chegou um negro  
Da grossura da um graveto  
E trazia um livro preto  
Com as culpas da malvada

O negro disse  
Afasta povo não se oponha  
Que esta velha sem vergonha  
Não pode ser enterrada



Abriu o livro  
E as páginas foi passando  
Em toda folha mostrando  
A velha fotografada

O negro disse  
Este livro é todo dela  
Vou levar esta cadela  
Q' há tempo foi comprada

E quando o povo  
Viu o negro assim dizendo  
Todo mundo foi correndo  
Deixaram lá a finada

E nesta hora  
Deu um forte pé de vento  
Naquele mesmo momento  
Foi a velha carregada

E desse dia  
Para cá, lá no fundão  
A velha chica buzão  
Vive lá acorçada

E quem passar  
No fundão não volta mais  
que a velha corre atrás  
Até uma encruzilhada

Se o leitor  
Não levar um folhetinho  
Encontra a velha no caminh  
E ela dar-lhe uma dentada